TUFFANI, Eduardo. Para a história dos cursos de Letras no Brasil com atenção aos de Letras Clássicas no seu estabelecimento. *Em Tese*, Belo Horizonte, UFMG, v. 27, n. 2, p. 13-37, maio/ago. 2021. Disponível em: <www.e-tuffani.com.br> e <http://dx.doi.org/10.17851/1982-0739.27.2.13-37>.

PARA A HISTÓRIA DOS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL COM ATENÇÃO AOS DE LETRAS CLÁSSICAS NO SEU ESTABELECIMENTO[1]

Eduardo Tuffani (UFF)
etuffani@yahoo.com.br

RESUMO

Com este artigo, busca-se fazer um quadro mais detalhado do período em que, no Brasil, os cursos de Letras, sobretudo os de Letras Clássicas, nasceram e se consolidaram, tornando-se unidade importante das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que surgiram, entre nós, a partir dos anos 30 e 40. Também se procura tratar do desenvolvimento da Universidade brasileira, bem como das suas faculdades mais vinculadas às Humanidades, voltando-se às suas origens europeias, com foco nas mais próximas da cultura brasileira.

Palavras-Chave: Latim; Grego; Português; Brasil; Ensino superior; História da Educação.

Até o fim do século XVIII, as faculdades tradicionais das universidades eram as de Direito, Teologia, Medicina e as "das Artes". Ao longo da Idade Moderna, as especialidades de Engenharia foram se desenvolvendo e se consolidando junto à esfera militar, principalmente no mundo lusófono. Com toda uma série de mudanças ocorridas nos séculos XVIII e XIX, os cursos de Teologia acabaram por manter espaço em instituições confessionais, e os de Engenharia ganharam *status* de faculdades nucleares das universidades, o que ficou bem evidente num país como o Brasil, onde os cursos de Humanidades foram instalados muito tardiamente. Até o século XVIII, havia escolas como a Faculdade das Artes da antiga Universidade de Paris e o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, que eram, na verdade, escolas preparatórias para as demais unidades universitárias, lembrando-se que, no caso português, apenas com a reforma de 1836 para os liceus, essa escola de Coimbra foi remodelada juntamente com o Real

[1] Este texto faz parte de um trabalho mais extenso com título "Acerca do latim e dos seus livros (Brasil até 2006)", que está sendo revisado para fim de divulgação. Aproveita-se desta nota para agradecer a leitura atenta do original feita pelo tradutor e pesquisador Ricardo Xavier e pelos professores André Alonso e Maria Luiza Corassin, registrando-se também esclarecimentos dados pela colega Silvia Damasceno.

Colégio dos Nobres de Lisboa (1761/1766), que havia sido fundado em 1761, mas só aberto em 1766. Com a passagem do século XVIII ao XIX, começaram a ser criados cursos generalistas de Ciências e Letras – "Letras" aqui no seu sentido mais lato de "Filosofia, Letras e Ciências Humanas" sobretudo – e cursos de Letras unicamente, como o da Faculdade de Letras de Paris (1808/1810), um curso superior de Francês, Latim, Grego, Filosofia, História e Geografia. Por essa época, também se fundaram instituições como a Escola Normal "do Ano III" (calendário da Revolução Francesa) (1794/1795-1795), inspirada em exemplo austríaco, com disciplinas de Ciências e Letras, porém estabelecimento de curtíssima duração, que, com recriações, deu origem à Escola Normal Superior de Paris. Igualmente com interrupção, a Escola Normal Superior de Pisa (1810/1813-1814), um internato de ensino superior, modelado pela primeira refundação da Escola Normal de Paris (1808/1810-1822), ofereceu um curso bianual de Ciências e outro de Letras na sua primeira fase de funcionamento. Na Universidade de Nápoles, a primeira estatal, fundada em 1224 por Frederico II, data do decênio francês também (1806-1815), sob Napoleão Bonaparte, a criação da sua Faculdade de Letras e Filosofia, com espaço para as Humanidades, reservando-se às Ciências uma outra faculdade, como em Paris na então Universidade Imperial. Nos anos 70 do século XIX, as cadeiras do curso de Letras foram sendo desmembradas na Faculdade de Letras de Paris, o que prenunciava uma nova organização. Tal formato veio com a reforma de 1880, e, em 1881, com o novo leque de disciplinas, iniciaram-se as licenças de Letras (Francês, Latim e Grego), de Filosofia e de História, vindo depois a de Línguas (vivas). Aos olhos de hoje, os cursos generalistas que antecederam essas licenças parecem algo de improviso e, de fato, eram experiências incipientes, mas foram o exequível num primeiro momento, já que, antes disso, as Ciências e as Letras tinham vez nas escolas pré-universitárias. O que deve ser dito é que o Secundário da época, no que toca às Letras Clássicas, tinha um alto nível, nunca mais alcançado, pois o que Giacomo Leopardi aprendeu de grego no início do Oitocentos e Arthur Rimbaud, de latim, em meados de tal século, foi e é motivo de admiração pela sua profundidade. Os casos de Leopardi e Rimbaud são notáveis porque, descontadas as suas genialidades, mostram, sobretudo Rimbaud pela sua instrução formal, até onde ia o ensino das línguas clássicas nessas escolas secundárias. Embora o ensino do latim no Brasil fosse desigual mesmo no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II em 1841, ano de reforma, havia sete anos de latim e cinco de grego para formação clássica, quadro que sofreu alterações em reformas posteriores.[2] No Congresso de Instrução de 1883, presidido pelo Conde d'Eu, Carlos de Laet procurou, sem sucesso no Brasil, criar uma Faculdade de Letras, com seções de Filologia, de História e de Filosofia, destinando uma cadeira de Pedagogia para formação de professores do Secundário (CAMPOS, 1940, p. 247-248). Caso tivesse vingado essa proposta, teria sido o ideal para a formação desejada condizente com um curso superior de Letras Clássicas, visto que,

[2] De acordo com *A cultura brasileira* (AZEVEDO, 1971, p. 578-579), afirmei que, em 1841 no Colégio Pedro II, o grego era estudado nos quatro primeiros anos (TUFFANI, 2000/2001, p. 394), quando, na verdade, tal se fazia em cinco anos e nos últimos (ROCHA, 2014, p. 19). Nas sete reformas posteriores, todas imperiais, os totais de anos de estudos para Letras Clássicas eram os seguintes: 1855, 7 de latim e 3 de grego; 1857, 6 e 2; 1862, 7 e 3; 1870, 6 e 3; 1876, 3 e 2; 1878, 3 e 2; 1881, 4 e 2 (*id*., *ibid*., p. 21, 22, 23, 24, 25, 27, 30).

com a Reforma Carlos Maximiliano, Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915,[3] se desobrigou o ensino do grego na escola média brasileira.

Em Portugal, o curso generalista de Letras chegou com meio século de atraso, com a fundação do Curso Superior de Letras em 1858, mas só instalado em 1861, origem da Faculdade de Letras de Lisboa. Inicialmente, havia as cadeiras de História, de Literatura Antiga, de Literatura Moderna, de Filosofia Transcendente e de História Universal Filosófica, e, mais tarde, foram incluídas as de Filologia ou Ciência da Linguagem e de Língua e Literatura Sânscrita, Védica e Clássica, passando de dois a três anos, com isso, a duração desse curso português de Humanidades (OLIVEIRA, 1965, p. 374, 381). O professor de Letras Clássicas era António José Viale, que, não contente com os dois anos do curso, se dispôs a dar mais aulas aos seus alunos para fim de melhor formação, o que se fazia na Biblioteca Nacional (*id*., *ibid*., p. 374). Com a reforma de 1911, uns trinta anos depois da francesa para as licenças, surgiram em Lisboa e também em Coimbra as faculdades de Letras com suas seções de Filologia Clássica, de Românica e de Germânica, bem como as de Ciências Filosóficas e de Históricas e Geográficas. Se Portugal tem os seus problemas, o Brasil também os tem, não se querendo, com isso, atrelá-los de forma eterna, pois a antiga colônia se tornou independente há quase dois séculos. O Brasil tinha e ainda tem uma elite atrasada: na primeira década da Independência, no que tange às escolas superiores, houve uma certa má vontade até para a criação das faculdades de Direito! Mais de um século depois, nos anos 30, a mesma recusa em relação às FFCLs (faculdades de Filosofia, Ciências e Letras), que se mantiveram apenas porque o país não podia mais abrir mão delas, sobretudo nas áreas de Ciências. O próprio Curso Secundário só foi ter atenção do governo central com a fundação do Colégio Pedro II (Imperial Colégio de Pedro II, 1837/1838), após cinco iniciativas oficiais de províncias, sendo a mais antiga a do Ginásio Pernambucano (Liceu Provincial de Pernambuco, 1825/1826). Embora houvesse curso de Arquitetura em conjunto com outros desde o estabelecimento da Academia das Belas-Artes (1816/1826), posteriormente Escola Nacional de Belas-Artes, o curso de Arquitetura só desvinculou-se pedagogicamente das escolas de Belas-Artes e de Engenharia a partir dos anos 30 do século XX com a criação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (1930/1931), depois integrada à atual Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na época, Universidade de Minas Gerais. Na Constituição de 1824, imperial, havia previsão de universidades, no plural mesmo (BRASIL, 1824), entretanto o governo central, então republicano, instituiu a sua universidade oficial em 1920, a Universidade do Rio de Janeiro, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sem as escolas de Ciências e Letras, prometidas fazia quase um século (*id*., *ibid*.). A Faculdade Nacional de Filosofia, primeira FFCL federal, foi instalada em 1939 de forma discricionária durante o Estado Novo, na esteira da reorganização de 1937 da Universidade do Rio de Janeiro como Universidade do Brasil. Esses exemplos mostram bem o descaso de uns e, ao mesmo tempo, de outros, a louvável iniciativa desinteressada, como se deu em algumas das primeiras faculdades e universidades brasileiras no que toca a Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

[3] A propósito de Decreto, Lei e Decreto-Lei, é bom ter acesso aos seus originais, o que foi tratado em outro artigo (TUFFANI, 2015, p. 1675), sendo necessário revisar esses pontos, pois citação por meio de outras fontes nem sempre oferecem precisão quanto aos seus objetos e naturezas.

No Brasil, o primeiro curso generalista foi o de Letras, aqui Ciências e Letras, de baixa frequência, fundado em 1898 juntamente com o Mackenzie College de São Paulo, ligado à Universidade do Estado de Nova York, daí a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). A primeira Universidade de São Paulo, de iniciativa particular (1911/1912-1918), também manteve um curso similar na sua Escola de Ciências e Letras, mais corretamente "Escola de Ciências, Filosofia e Letras" (REGIMENTO, 1912, p. 4), curso esse igualmente com pouca frequência. Na primeira universidade brasileira, a Universidade de Manaus (1909/1910-1926), as Humanidades estavam restritas a uma escola secundária, a sua Faculdade de Ciências e Letras, orientada pelos moldes do então Ginásio Nacional, nome republicano do Colégio Pedro II. Até a Reforma Francisco Campos, Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, não se previam, no Brasil, cursos superiores além dos tradicionais, e, para Ciências e Letras, havia um diploma de bacharel, concedido pelas escolas secundárias, algo com longa tradição no país, para muitos, coisa de cunho mesmo sentimental, mas anacrônica tantas gerações após o fim, até no Brasil, dos colégios "das Artes" e o início, na Europa, dos cursos de Letras e de Ciências e Letras. No mesmo ano da Reforma Francisco Campos, em 1931, mas depois do decreto, com a criação da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, três anos antes da FFCL da Universidade de São Paulo (USP), ainda se ofereceu naquela um curso de Letras, isto é, Letras e História. Diante desse quadro muito pouco convidativo às Humanidades no ensino superior nacional, as escolas que existiam eram as de Direito, Medicina, Engenharia, Farmácia, Odontologia, Agronomia e Veterinária, algumas delas ainda incipientes nas primeiras décadas do século passado. Havia também outras, como de Comércio, que se faziam necessárias, porém com oferta menor do que as tradicionais menos implementadas. Assim sendo, as primeiras universidades brasileiras, antecessoras da USP e da antiga Universidade do Distrito Federal (UDF), mais eram, na verdade, reuniões formais de faculdades, carentes ainda os seus conjuntos das unidades de Ciências e de Letras, velhas de uns 120 anos, pensando-se nos exemplos de Paris e de Nápoles. Não pode ficar sem registro a Universidade do Rio de Janeiro, a qual manteve, nos anos anteriores à UDF, muitos cursos na sua escola de extensão, mediante permuta de docentes franceses e brasileiros, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura (R. UNIV. RIO JAN., v. 1, p. 263, jun. 1932), tendo cursos como "La vie privée des anciens grecs vue à travers leur art", em catorze conferências por Charles Picard, do Instituto de França, proferidas na Academia Brasileira de Letras (*id*., v. 2, p. 23-27, 301-307, dez. 1932).[4] Na primeira Universidade de São Paulo, também houve uma escola de extensão desde 1914, a sua Universidade Popular, com conferências como "A latinidade da Rumânia" pelo professor e escritor Antonio Piccarolo, entre 107 lições públicas de dezembro de 1914 a junho de 1917 (CUNHA,

[4] Outros cursos do Instituto Franco-Brasileiro, mais ligados às Letras e às artes: "Curso de literatura italiana" por Guido Vitaletti, das reais universidades da Itália, "La doctrine philosophique et pédogogique de Rabelais" por Camille Audigier, "O problema tupi" por Raimundo Lopes, "Curso sobre a estética do simbolismo e o movimento simbolista no Brasil" por José Cândido de Andrade Muricy, "Curso de explicação de textos franceses" por Robert Garric, da Universidade de Paris, "Curso sobre história da literatura e da arte em França, na Idade Média" por Audigier e "O pensamento cívico na moderna literatura italiana" por Giuseppe Citanna, das reais universidades da Itália (*id*., v. 1, p. 291, jun. 1932; v. 3, p. 301-322, 349, 350, 351, 351, 351, jun. 1933).

1986, p. 204).[5] Essas duas iniciativas foram um prenúncio da instituição das FFCLs, sobretudo no caso da Universidade do Rio de Janeiro, já que, em 1935, se fundou a UDF, a sua rival na visão do governo central.

As Letras Sagradas distinguiram-se das Letras e das Letras Humanas ou Humanidades, e por "Letras" se entenderam "Ciências (Matemáticas e Naturais) e Letras (em amplo sentido)", "Filosofia, Letras e Ciências Humanas", "Letras e Ciências Humanas", "Letras (línguas e literaturas)" e "Letras Clássicas e Vernáculas (Latim, Grego e Português, no caso luso-brasileiro)", com tais linhas para "Letras", não se fazendo mesmo um esboço desse tema, mas algo para se ordenar o que foi e está sendo escrito nestas páginas. Primeiros de Humanidades no Brasil, os cursos de Filosofia se criaram a partir do início do século XX, sendo alguns de Filosofia e Letras, entendendo-se pelas últimas "Letras e História", esta sobretudo entre as Ciências Humanas. Na escola mais antiga, a Faculdade Eclesiástica de São Paulo (1-3-1908-1914), faculdade pontifícia ligada ao Seminário Provincial, no curso de Filosofia, havia as disciplinas de Literatura e de Literatura Portuguesa (MENDONÇA, 1952, p. 25; SEMINARIO, 1909, p. 139).[6] Na Faculdade Livre de Filosofia e Letras de São Paulo (15-7-1908), mantida pelo Mosteiro de São Bento e agregada à Universidade de Louvain, ofereciam-se as disciplinas de Literatura, de Literatura Francesa e de Literatura Portuguesa (ANNUARIO, v. 3, p. 3, 1911; v. 6, p. 58, 1914; v. 8, p. 3, 1916).[7] O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) manteve a Academia de Altos Estudos (1915/1916), remodelada como Faculdade de Filosofia e Letras (1919-1921), na qual se dava mais espaço às Letras com disciplinas como História da Língua Portuguesa, Dialetologia, Estilística, História da Literatura Antiga, Grega e Latina, e Filologia Comparada das Línguas Românicas, as três ministradas por Alfredo Gomes (LISTAS, 1919/1921), embora existisse um leque de cinco disciplinas de Letras previstas para o curso de "Filosofia e Letras" (REGULAMENTO, 1919, p. 4-5), em que houve formandos na fase da Faculdade, e não na da Academia (FACULDADE, 1990, p. 284; LISTAS, 1919/1921). Nessa Faculdade de Filosofia e Letras, no seu Curso Normal Superior, o que lembra a escola francesa, entre os cursos de Letras, era ofertado o de Línguas Clássicas (Latim e Grego) (REGULAMENTO, 1919, p. 6),[8] que

[5] Outra conferência de Piccarolo foi "As faculdades de Letras e Filosofia nas universidades estrangeiras" (ANTUNHA, 1974, p. 243).

[6] Os professores de Literatura e de Literatura Portuguesa foram, respectivamente, Álvaro Guerra e Joaquim Domingues de Oliveira.

[7] No início, os docentes de Literatura e de Literatura Francesa foram, pela ordem, Miguel Kruse e Charles Sentroul, regente da cadeira de Filosofia com formação pela Universidade de Louvain, posteriormente, lecionaram Literatura e Literatura Portuguesa, a primeira, João Nepomuceno Manfredo Leite e, a segunda, José Manuel da Silveira Barradas.

[8] Programa do Curso de Línguas Clássicas: 1º ano (História da Língua Portuguesa, Dialetologia, Estilística; Psicologia e Sua Aplicação à Pedagogia; Antologia Latina: Exercícios de Tradução, Versão, Análise), 2º ano (Antologia Grega: Exercícios de Tradução, Versão, Análise; História da Literatura Antiga: Literatura Latina; História da Literatura Antiga: Literatura Grega), 3º ano (Filologia Clássica; Filologia Comparada das Línguas Românicas; Metodologia do Ensino das Línguas Clássicas) (*id*., *ibid*.). Como se pode observar, só haveria um ano de línguas e literaturas clássicas, fora Filologia Clássica, o que deve ser entendido em razão, entre outros fatores, da boa formação secundária, do pioneirismo do curso e da influência dos cursos generalistas.

ficou sem frequência, assim como os demais de Letras específicos (LISTAS, 1919/1921), apresentando-se como professores de latim e de grego, respectivamente, entre outros, Joaquim Luís Mendes de Aguiar e Benjamin Franklin Ramiz Galvão (FACULDADE, 1919/1920, p. 869).[9] Em 1925, a Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo passou a oferecer o primeiro curso de Letras brasileiro, o de Filologia Clássica (Latim e Grego), cujo primeiro docente foi Alexandre Correia, seguido por Leonardo van Acker, os dois doutores pela Universidade de Louvain (RELATORIO, 1925, p. 20). Com duração de três anos, a primeira conclusão de curso se deu no fim de 1927 com um único formando: Aguinaldo Alves Ribeiro (CRÓNICA, 1928, p. 106). Apesar da procura mínima e da falta de amparo legal do atestado concedido, esse curso manteve-se nos anos seguintes (REGULAMENTO, 1931, p. 100). Em 1931, no curso de "Filosofia e Letras" da então Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento, havia as disciplinas de Filosofia das Belas-Letras e de Literatura Luso-Brasileira (*id*., *ibid*., p. 99). Como só existia legislação para os cursos superiores tradicionais, os diplomas e os atestados expedidos por essas faculdades pioneiras eram mais títulos de honra, uma vez que, para Ciências e Letras, a validade estava reservada ao diploma de bacharel emitido pelas escolas médias, lembrando-se que, para fim de inscrição nessas faculdades de Filosofia, se exigiam tais diplomas do Secundário ou das escolas superiores oficiais ou equiparadas (REGULAMENTO, 1919, p. 25; REGULAMENTO, 1931, p. 100).

Durante muito tempo, o ensino foi elitista e, mesmo com os seus pontos fracos, proporcionava uma boa formação. Até os anos 30, a escola secundária manteve um certo nível, o qual, por meio da expansão iniciada com as mudanças do período à volta da Segunda Grande Guerra, foi tendo, aos poucos, acentuada a sua desigualdade. Algo sem dúvida reprovável por manter a escola como um privilégio, esse ensino elitista garantia a camadas da população uma instrução elevada. Dessa forma se entende não só o apego à carreira militar, mas ainda o alto nível de tantos militares desse tempo, o que também se observava na classe religiosa, ambas carreiras seguras numa sociedade carente de oportunidades, envolvendo-se as duas no fomento ao ensino, obviamente bem mais a segunda do que a primeira, de onde a importância dos seminários e do latim na obtenção de uma formação por muitos desejada. Sendo assim, compreende-se o fato de a primeira universidade nacional, a Universidade de Manaus, ter sido, em grande parte, uma iniciativa militar porque teve origem numa reestruturação da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas (1906). De 1924 a 1936, funcionou a Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, que também contou com militares na sua fundação, entre eles, o general José Maria Moreira Guimarães, que havia sido professor da disciplina de

---

[9] Os demais docentes previstos para Letras Clássicas eram Fernando Nery (História da Literatura Antiga) e Clemente Brandenburger, formado pela Universidade de Heidelberg (Filologia Clássica) (*id*., *ibid*.). No Curso de Línguas Modernas, ofereciam-se Português, Francês, Inglês, Alemão, Italiano e Espanhol (REGULAMENTO, 1919, p. 6). Ainda que não se disponha do programa do curso de Português, há os nomes de Manuel Said Ali para Filologia Comparada das Línguas Românicas e de Solidônio Leite para História da Literatura Portuguesa e Brasileira (FACULDADE, 1919/1920, p. 869). Também vem Rodolfo Garcia para Línguas Americanas (*id*., *ibid*.), o que é interessante, porque, na Licença Magistral em Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931, fundada, mas nunca instalada, previa-se a disciplina de Folclore e Noções de Línguas Aborígenes (R. UNIV. RIO JAN., v. 4/5, p. 299, jun. 1934).

História das Religiões no curso de "Filosofia e Letras" do IHGB em substituição a Afrânio de Melo Franco (FACULDADE, 1921, p. 729), ficando à frente do segundo curso de Filosofia do Rio de Janeiro até ceder a vez ao professor e escritor Modesto de Abreu (ABREU, 1981, p. 62). Esse curso de Filosofia, hoje o menos conhecido, era voltado para Ciências Humanas com disciplinas como, entre outras, Antropologia, História da Civilização, Arqueologia e Sociologia (Modesto de Abreu *apud* PAIM, 1983, p. 94), tendo sido concedidos inclusive doutorados, estando a Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro em atividade após o Decreto nº 19.851 de 1931, o que faz se pensar num possível reconhecimento dos títulos por ela conferidos. Em 1933, essa Faculdade de Filosofia foi incorporada à Universidade da Capital Federal, de iniciativa privada, aberta nesse mesmo ano, que esteve em funcionamento até 1943, chegando a ser a maior do gênero no país nos anos 30 e 40. Atingida pelo governo central como a UDF, com o fim da sua atividade, pelo que tenho apurado, não saiu dos livros de História pois nem chegou a entrar neles, devendo estar a sua documentação à espera de pesquisa no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Com o Decreto nº 19.851 de 1931, Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde Pública, reformou o ensino universitário, instituindo o Estatuto das Universidades Brasileiras e, com esse dispositivo, amparando legalmente os cursos que estavam sendo criados, bem como os que foram estabelecidos na esteira dessa reforma. Na sequência, com o Decreto nº 19.852, da mesma ocasião, a Universidade do Rio de Janeiro foi reorganizada, fundando-se a Faculdade de Educação, Ciências e Letras, primeira iniciativa oficial, mas nunca inaugurada. Na sua seção prevista para Letras, havia duas licenças, cujas denominações lembravam as das francesas dos anos 80 do século XIX (Letras e Línguas [Vivas]), Licença Magistral em Letras e Licença Magistral em Línguas Vivas, sendo a de Letras para Português, Latim e Grego e a de Línguas Vivas, em duas habilitações, para Línguas Novilatinas e Línguas Germânicas.[10] Essa iniciativa do governo central se deu um meio século após a reforma francesa e vinte anos depois da portuguesa, já existindo o curso de Filologia Clássica da Faculdade de São Bento, ao qual, em 1933, seguiram-se os de Letras do Instituto "Sedes Sapientiae". Em se tratando de História da Educação, às vezes, há um apego ao que é da esfera governamental, portanto, com mais amparo jurídico, o que causa a sua valorização a desfavor de outros empreendimentos, lembrando-se que uma instituição oficial pode ter os seus vícios e até a sua eficiência questionada, como ocorreu na polêmica entre Antônio de Castro Lopes e Carlos Kornis de Totvárad em meados do século XIX (TUFFANI, 2007, p. 56; *id*., 2015, p. 1674). Nas três primeiras universidades brasileiras, Universidade de Manaus, Universidade de São Paulo e Universidade do Paraná (1912/1913-1915), as duas primeiras ignoradas por alguns tratadistas, lutou-se com grandes dificuldades, chegando-se a ponto de, na Universidade de Manaus e na Universidade do Paraná, no conjunto nesta e em parte naquela,

[10] Programa da Licença Magistral em Letras: 1º ano, Português (Gramática Histórica e Filologia), Latim (Gramática Histórica e Filologia), Grego (Lexicologia e Morfologia), Literatura Geral; 2º ano, História da Literatura Greco-Romana, História da Literatura Brasileira, Folclore e Noções de Línguas Aborígenes, Grego (Sintaxe); 3º ano, História da Civilização, Gramática Comparada do Latim e do Grego, Estilística e Crítica Literária, História e Filosofia das Ciências (R. UNIV. RIO JAN., v. 4/5, p. 298-299, jun. 1934). Para Línguas Novilatinas e Línguas Germânicas, previa-se a disciplina de Linguística Geral e Filologia Comparada (*id*., *ibid*., p. 300, 301, jun. 1934).

docentes abrirem mão dos seus vencimentos em prol das entidades (PASSOS, 2014, p. 77-78; CUNHA, 1986, p. 207), o que contrasta com o que se viu, por vezes, no serviço público, mas de forma acentuada após a Constituição de 1988.

A primeira faculdade de Humanidades criada sob a vigência do Estatuto das Universidades Brasileiras, de 11 de abril 1931, foi a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, originada da Sociedade de Filosofia e Letras de São Paulo, fundada por um grupo de intelectuais no ano anterior. Na Faculdade Paulista, havia um curso de Filosofia e outro de Letras, sendo este um curso trienal e generalista de Letras e História, em que existiam, entre as cadeiras de Letras, as de Língua e Literatura Latina e de Língua e Literatura Grega, atribuídas a primeira a Antonio Piccarolo e a segunda a Otoniel Mota (FACULDADE, 1931, p. 6).[11] A Faculdade Paulista foi uma iniciativa particular que acabou contribuindo, com o seu impulso, para a criação da FFCL da USP em 1934, da mesma forma que a Escola de Medicina e Cirurgia da primeira Universidade de São Paulo fez com que o governo estadual tomasse a empresa da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, mais tarde Faculdade de Medicina da USP. A Faculdade Paulista esteve em atividade, ao que tudo indica, até meados de 1933, tendo uns dois anos de duração, já que aberta em 1º de junho de 1931, embora não seja possível ainda datar o seu fechamento definitivo como entidade jurídica (TUFFANI, 2011, p. 28),[12, 13] estando a sua documentação talvez no Arquivo Público do Estado de São Paulo, que ficou até os anos 80, salvo engano meu para a década, aos cuidados de um antigo secretário.

O primeiro curso de Letras *stricto sensu* posterior ao Estatuto de 1931 foi o do Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", criado em 1932 e instalado em 1933 pelas Cônegas de Santo Agostinho de Nossa Senhora de Jupille. O Instituto "Sedes Sapientiae" era formado pelas três unidades seguintes: Faculdade de Letras, Faculdade de Ciências e Instituto Superior de Educação. Ainda que citado como a primeira instituição de acordo com a Reforma Francisco Campos de 1931, deve-se rever tal assertiva, pois essa posição cabe à Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, assim como o posto de primeiro curso de Letras, com inauguração e frequência, é da Faculdade de São Bento, e não do Instituto, depois Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", agregada e incorporada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fazendo parte, já em 1946, a faculdade beneditina da então

---

[11] As outras cadeiras de Letras eram Filologia Portuguesa (José Marques da Cruz), Literatura Luso-Brasileira (Arthur Motta), Glotologia, Línguas Novilatinas, Literaturas Novilatinas e Estética Literária (*id*., *ibid*.). Havia também cadeiras livres, entre as de Letras, as de Línguas e Literaturas Orientais, de Línguas e Literaturas Modernas e de Literatura Universal (Francisco Azzi) (*id*., *ibid*.). Entre os professores ainda sem cadeira designada por ocasião da abertura da Faculdade Paulista, estavam Américo Brasiliense Antunes de Moura, Henrique Geenen, Mário de Andrade, Mario Pereira de Souza Lima e Guilherme de Almeida (TUFFANI, 2011, p. 27; FACULDADE, 1931, p. 6).

[12] No caso da primeira Universidade de São Paulo, 1928 é o ano do seu total encerramento (ARQUIVO, 1990, p. 14), com os seus últimos anúncios em 1919 (UNIVERSIDADE, 1919/1920, p. 4419), tendo ofertado os seus cursos até 1918 (MOTT, DUARTE e GOMES, 2007, p. 63), e não 1917 como se afirma com base na sua principal fonte impressa por ela datar de tal ano (UNIVERSIDADE, 1917).

[13] Publicação oriunda de curso ministrado na Faculdade Paulista:
MOTA, Otoniel. *O lirismo grego*. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1934.

Universidade Católica de São Paulo. Embora não oferecesse um leque de cursos tão variado como os da FFCL da USP e da UDF, no que concerne às Humanidades, apresentava os cursos trienais de Filosofia, de Letras e de História e Geografia. Havia as licenças em Letras (Clássicas e Português) e em Línguas (estrangeiras), sendo estas Francês, Inglês, Alemão, Italiano e Espanhol (INSTITUTO, 1935, p. 295, 296). Para a licença em Letras, entre mais, existiam as cadeiras de Língua e Literatura Latina e de Noções Complementares de Linguística pelo Estudo da Língua e Literatura Grega (*id*., *ibid*., p. 296). Mesmo que não se tenha o corpo docente discriminado, para o Instituto, sabe-se dos nomes de Alexandre Correia e de Leonardo van Acker (*id*., *ibid*., p. 298),[14] docentes de Letras Clássicas já na Faculdade de São Bento. Com os cursos do Instituto "Sedes Sapientiae", o total de faculdades ligadas às Humanidades anteriores às FFCLs chega a nove, sendo as outras oito: Mackenzie College (1898), Faculdade Eclesiástica de São Paulo (1-3-1908), Faculdade (Livre) de Filosofia e Letras de São Paulo (São Bento) (15-7-1908), Escola de Ciências, (Filosofia) e Letras da Universidade de São Paulo (primeira) (1912),[15] Faculdade de Letras do Ceará (1913-?), Faculdade de Filosofia e Letras (Academia de Altos Estudos) (1919), Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro (1924) e Faculdade Paulista de Letras e Filosofia (1931). Com relação à Faculdade de Letras do Ceará, até aqui não se tinha escrito sobre ela, já que não há fontes à mão, e pelo que se conhece da proposta do curso e dos perfis dos seus fundadores se tratava de um curso de Ciências e Letras (ARCH. UNIV. MANÁOS, 1914, p. 8), evocando "Letras", no caso brasileiro, o diploma de bacharel dos liceus imperiais, substituído pelo de "Bacharel em Ciências e Letras" republicano, previsto ainda na Lei Rocha Vaz, Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925.

Fundada em 25 de janeiro de 1934 e instalada em 11 de março do mesmo ano, a Universidade de São Paulo, estadual, foi a sexta universidade brasileira, precedida pelas Universidade de Manaus (1909/1910), Universidade de São Paulo, de iniciativa privada (1911/23-3-1912),[16] Universidade do Paraná (19-12-1912/1913), Universidade do Rio de Janeiro (1920) e Universidade de Minas Gerais (1927), seguida pela Universidade de Porto Alegre, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (28-11-1934), congregando tais estabelecimentos as faculdades tradicionais, sobretudo de Direito, Medicina e Engenharia. Sob o governo de Armando de Sales Oliveira, a Universidade de São Paulo foi criada juntamente com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, primeira FFCL de fato, com ampla oferta de cursos, de Ciências Sociais a História Natural. Por mais estranho que isso hoje pareça, a verdade é que, como já se escreveu aqui, mesmo para a FFCL da USP e para as escolas da UDF, houve

[14] Havia também as cadeiras de Filologia Portuguesa e de Literatura Luso-Brasileira, vindo o nome de, entre os professores, Mario Pereira de Souza Lima, professor de Letras Vernáculas (*id*., *ibid*., p. 296, 298).

[15] Aquela fonte citada para a primeira Universidade de São Paulo dá a Escola de Ciências, Filosofia e Letras como sem público (UNIVERSIDADE, 1917, 7, 51, 88, 98, 113), o que se corrige com a documentação preservada (ARQUIVO, 1990, p. 19, 28, 29), sendo por essa razão que, com a sua exclusão, antes se contavam oito cursos de Humanidades.

[16] Nessa Universidade de São Paulo, estava planejada uma Escola Superior de Filosofia, História e Literatura, "escola de cultura transcendente", que não era uma unidade regular nem chegou a funcionar, porque substituída pela Universidade Popular (UNIVERSIDADE,1917, p. 7, 115).

grandes desafios, sendo a implementação de tais cursos bem custosa. Dessa forma se entende por que razão, até os anos 30, no que tange às Humanidades, só vingaram praticamente os cursos de Filosofia, exceções feitas ao curso de Filologia Clássica da Faculdade de São Bento e ao de Ciências Políticas e Sociais da Faculdade de Filosofia do IHGB. Mesmo esse curso de Filologia Clássica apenas se manteve por ter dado ênfase a pensadores antigos e medievais,[17] formando tal curso de Letras Clássicas um conjunto harmônico com o de Filosofia. Na Seção de Letras da FFCL da USP, havia a Subseção de Letras Clássicas e Português e a de Línguas Estrangeiras (Francês e Italiano), existindo para a primeira, entre outras, as cadeiras de Filologia Grega e Latina, de Literatura Grega e de Literatura Latina, cujo professor responsável foi Michel Berveiller, já que se dispôs de uma missão de professores estrangeiros (ANU. FAC. FIL. CI. LETRAS, p. 3, 6, 1934/1935).[18] O programa do curso de Letras Clássicas e Português estava assim exposto: 1º ano (Filologia Portuguesa; Língua e Literatura Grega; Língua e Literatura Latina); 2º ano (Língua e Literatura Grega; Língua e Literatura Latina; Filologia Portuguesa); 3º ano (Língua e Literatura Grega; Língua e Literatura Latina; Literatura Luso-Brasileira) (*id*., *ibid*., p. 289). Com a saída de Berveiller em 1937, foram admitidos os docentes Georges Readers, francês, e Attilio Venturi, italiano, este do Colégio Dante Alighieri, o primeiro em 1937 para Língua e Literatura Latina e o segundo em 1938 para Língua e Literatura Grega, uma vez as cadeiras com nova organização, antes dos dois professores, nesse ínterim, a cargo de Francisco Rebelo Gonçalves, da Universidade de Lisboa (*id*., p. 8, 1937/1938; PETERLINI, 1994, p. 404).[19] No Colégio Universitário da USP (1935), sendo o primeiro professor Alexandre Correia e o segundo Francisco Isoldi, havia dois anos de grego em nível secundário, com o que se fazia um preparo para o estudo superior na FFCL em Letras Clássicas (STARZYNSKI, 1994, p. 396).

Como Prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto fundou, em 4 de abril de 1935 no Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal, a segunda instituição que contou com os cursos não acolhidos nas faculdades tradicionais, embora houvesse outras universidades organizadas. Com inauguração em 31 de julho desse ano, a UDF era formada por cinco unidades principais: Instituto de Educação, Escola de Ciências, Escola de Economia e Direito, Escola de Filosofia e Letras e Instituto de Artes. Concebida por Anísio Teixeira, então Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal,

---

[17] O que se depreende de textos usados nas aulas de "Línguas": "– GREGO, Explicação da 'Ethica Nicomachea' de Aristóteles; O problema do fim moral (às 3as. e 5as. durante os dois semestres). – LATIM, Explicação da 'Summa Theologica' de S. Tomás; Vontade e livre-arbítrio (às 2as. e 4as. durante o âno todo)." (VÁRIAS, 1926/1927, p. 69.)

[18] As outras cadeiras dessa subseção eram Filologia Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, que foram ocupadas, respectivamente, a primeira por Franciso Rebêlo Gonçalves e Otoniel Mota e a segunda também por Mota e Fidelino de Figueiredo, formado pelo Curso Superior de Letras de Lisboa (*id*., p. 3, 6, 1934/1935; p. 5, 1936; p. 7, 1937/1938).

[19] Publicações:
BERVEILLER, Michel. *A tradição religiosa na tragedia grega*: Eschylo – Sophocles. São Paulo: Universidade de São Paulo, Editora Nacional, 1935. (Publicações da Faculdade de Philosophia, Sciencias e Letras, 1.)
GONÇALVES, Rebêlo. *Filologia e Literatura*. S. Paulo: Editora Nacional, 1937.

a UDF apresentava o melhor projeto também para as Humanidades, mas a sua presença incomodou o governo central sobretudo, que não tinha ainda instalado a sua faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Na Escola de Filosofia e Letras, para línguas e literaturas, havia a Seção de Grego e Latim, a de Filologia e Literatura Luso-Brasileira e a de Línguas Estrangeiras (Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão) (PREFEITURA, 1935, p. 19). Na Seção de Grego e Latim, existiam as matérias de Língua e Literatura Gregas e de Língua e Literatura Latinas, oferecendo-se o Curso de Professor de Língua Latina, sendo os primeiros docentes de grego e de latim, pela ordem, Jorge Henrique Augusto Padberg-Drenkpol, naturalista e classicista, e Antonio Jacintho Guedes (*id*., *ibid*., p. 19, 49).[20] Na sua habilitação de Latim, existiam, entre outras, as disciplinas de Linguística e de Epigrafia, havendo também duas para História (*id*., *ibid*., p. 40).[21] Evitavam-se, na UDF, as duplas e as triplas licenciaturas, que acabaram prevalecendo posteriormente. Eis o programa do Curso de Professor de Língua Latina:

> 1º anno 1. Cursos de conteúdo: (10 hs. semanaes) a) Lingua e literatura latinas b) Lingua e literatura gregas c) Linguistica 2. Cursos de fundamentos: (5 hs. semanaes) a) Historia da Antiguidade b) Inglez ou Allemão Total – 15 horas semanaes. 2º anno 1. Cursos de conteúdo a) Lingua e literatura latinas b) Lingua e literatura gregas 2. Cursos de fundamentos: a) Biologia educacional (1º periodo) b) Sociologia educacional (2º periodo) c) Epigraphia. 3º anno 1. Cursos de conteúdo a) Lingua e literatura latinas b) Lingua e literatura gregas c) Literatura luso-brasileira 2. Cursos de integração profissional: a) Introdução ao ensino (1º periodo) b) Philosophia da educação (2º periodo) c) Psychologia do adolescente (1º periodo) d) Medidas educacionaes (2º periodo) e) Organização e programmas do Ensino Secundario f) Historia geral da civilização (com referencia especial á civilização greco-romana) g) Pratica do ensino. (*Id*., *ibid*., p. 40.)[22]

Ainda que não se tenha uma carga horária detalhada para as disciplinas de Letras, no primeiro ano do Curso de Professor de História, havia 2 horas para cada disciplina como Antropologia e Geografia Humana (*id*., *ibid*., p. 37), o que leva a se pensar em disciplinas de 4 horas-aula para línguas e literaturas clássicas. Em 1937, os estudantes de História e de Latim abriram o Centro de Estudos Eugène Albertini, com o fim de, entre mais, intensificar e aprofundar os debates sobre a civilização romana, entregue a

---

[20] Na Seção de Filologia e Literatura Luso-Brasileira, estavam as matérias de Filologia Portuguesa e de Literatura Luso-Brasileira, ofertando-se o Curso de Professor de Português e Literatura, cujo professor foi Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (*id*., *ibid*.).

[21] O primeiro professor de Linguística foi José Leite e Oiticica (*id*., *ibid*., p. 48).

[22] Programa do Curso de Professor de Português e Literatura: "1º anno 1. Cursos de conteúdo: (10 hs. semanaes) a) Lingua e literatura gregas b) Lingua e literatura latinas c) Philologia Portugueza 2. Cursos de fundamentos: (5 hs. semanaes) a) Linguistica b) Lingua e literatura francezas Total – 15 horas semanaes. 2º anno 1. Cursos de conteúdo a) Lingua e literatura gregas b) Lingua e literatura latinas c) Literatura luso-brasileira 2. Cursos de fundamentos: a) Linguas e Literaturas italiana e castelhana b) Biologia educacional (1º periodo) c) Sociologia educacional (2º periodo). 3º anno 1. Cursos de conteúdo a) Literatura luso-brasileira b) Technica e critica literarias 2. Cursos de integração profissional: a) Introdução ao ensino (1º periodo) b) Philosophia da educação (2º periodo) c) Psychologia do adolescente (1º periodo) d) Medidas educacionaes (2º periodo) e) Organização e programmas do Ensino Secundario f) Historia da literatura g) Pratica do ensino." (*Id*., *ibid*., p. 39-40.)

presidência ao homenageado e a vice ao professor Roberto Accioli, assistente da Cadeira de História da Civilização Romana (AS INSTITUIÇÕES, 1937, p. 82-83; FÁVERO, 2009, p. 39). Na Escola de Economia e Direito, onde ficavam a Seção de Ciências Sociais e a de Ciências Geográficas e Históricas, as habilitações de Geografia e de História eram distintas com o Curso de Professor de Geografia e o Curso de Professor de História (PREFEITURA, 1935, p. 17-18). A UDF também contou com uma missão de professores estrangeiros, vindo Jacques Perret, da Universidade de Montpellier, para Línguas e Literaturas Greco-Romanas, Henri Tronchon, da Universidade de Estrasburgo, para Literatura Comparada, Eugène Albertini, do Collège de France, para História da Civilização Romana, e Jean Bourciez, da Universidade de Montpellier, e Georges Millardet, da Universidade de Paris, para Filologia Românica, entre outros professores de demais especialidades (BRÉHIER, 1937, p. 127, 129, 51, 53, 17, 19, 113, 115; PINTO, 2009, p. 83). Outros docentes de Letras Clássicas foram Paul Madlung de grego e Ernesto Faria de latim, atuando em ambas as matérias também Charles Fredsen, classicista de formação franco-germânica.[23, 24] Em 1938, já bem acuada pelo governo central, a UDF foi reorganizada, passando a ofertar, para Letras, os cursos de Letras Clássicas, de Letras Vernáculas e de Letras Estrangeiras (Francês e Inglês) (EXPOSIÇÃO, 1938, p. 227). Na Seção de Letras Clássicas e Vernáculas, entre mais, havia então as cadeiras de Língua Grega e de Latim (incluindo literaturas clássicas) (*id*., *ibid*., p. 230).[25] O desfecho da UDF se deu em razão do estabelecimento da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, concorrendo, para isso, interesses do governo central, de setores religiosos e de aspirações individuais beneficiados com o término da proposta mais bem pensada para uma universidade.

Com a Lei nº 452, de 5 de julho de 1937, a Universidade do Rio de Janeiro sofreu nova reorganização, denominada, a partir de então, Universidade do Brasil (UFRJ). Com essa mesma lei, fundou-se a Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, sem instalação até 1939, o que só ocorreu com o Decreto-Lei nº 1.063, de 20 de janeiro de 1939, que extinguiu a UDF, transferindo os seus cursos para a Universidade do Brasil. A Faculdade Nacional de Filosofia (FNF ou FNFi) foi organizada com o Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939, sendo inaugurada em 21 de julho de 1939. Também com esse decreto, os cursos superiores foram padronizados, e, no que cabe aos de Letras, surgindo então os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas. O curso de Letras Clássicas, do qual se contaram 32 instalações (TUFFANI, 2021, p. 1), foi de difícil manutenção, tendo iniciativas não concretizadas e também cursos fechados com o passar do tempo. No que diz respeito ao latim,

---

[23] Em Linguística, também foi professor Joaquim Mattoso Câmara Júnior, e, em Literatura Luso-Brasileira, lecionaram Agripino Grieco, Cecília Meireles e Jorge de Lima (*id*., *ibid*.).

[24] Publicações:
PERRET, Jacques. *A atualidade dos estudos greco-latinos*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1937.
FARIA, Ernesto. *Manual de pronúncia do latim*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1938.

[25] As outras cadeiras da mesma seção eram "Linguística (incluindo fonética, filologia portuguesa e filologia das línguas românicas)" e "Literatura (incluindo literaturas portuguesa e brasileira, literatura geral, técnica e crítica literárias)" (*id*., *ibid*.).

obviamente o curso era mais bem sucedido, ao passo que, para o grego, faltava uma formação preliminar, já que nem todas as escolas tinham, no segundo ciclo do Secundário, o Curso Clássico com três anos de grego, como definido com a Lei Capanema, Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Como o estudo do grego não tinha, no Brasil, uma tradição tão forte quanto a do latim, houve caso de professor nomeado para a cadeira de Língua e Literatura Grega que, apesar de muito letrado no que toca ao mundo clássico, havia lidado com a língua grega no passado, mas sem ter mantido em dia o seu estudo, o que teve que ser contornado para o bom andamento do curso. Por outro lado, existiu curso de Letras Clássicas em que a cadeira de grego era mais eficiente do que a de latim, dando ao aluno uma formação mais profunda do que a de latim. A tripla licenciatura de Português, Latim e Grego já vinha se firmando, como se pode observar pelos exemplos da Licença Magistral em Letras do Decreto nº 19.852 de 1931, da licença em Letras do Instituto "Sedes Sapientiae" e da licença em Letras Clássicas e Português da FFCL da USP, porém o fato é que ela chegou ao Brasil muito tarde, já com os estudos clássicos em questão, mesmo que restritos ao secundário. O curso que teve mais difusão foi o de Letras Neolatinas, pois o francês e o italiano eram línguas mais acessíveis do que o inglês, o alemão e o grego, sendo o francês a língua estrangeira então mais estudada e o italiano, como língua de cultura, das artes e também da Igreja, mais estudado na época do que nos dias de hoje, não se esquecendo do espanhol, a língua mais próxima do português e vizinha deste na América e na Europa. Posteriormente, por meio de um ato ministerial, a habilitação em Latim se extendeu a todos os licenciados em Letras (FARIA, 1959, p. 288), fazendo com que o curso de Letras Neolatinas se tornasse uma habilitação de Português, Francês, Italiano, Espanhol e Latim. No entanto a padronização dos cursos superiores, pensando-se na primeira organização da UDF, foi um retrocesso, sobretudo para os de Letras e de História.

Se o estabelecimento da FNF como modelo de FFCL teve algo de positivo, porque sempre há algo nesse sentido, com ela veio também uma ingerência no ensino superior infeliz e até nociva. Embora fossem universidades distintas, pode-se dizer que houve uma transição da UDF para a Universidade do Brasil, muito conturbada e problemática, entretanto, mesmo assim, menor do que o trauma sofrido, mais tarde, pela Universidade de Brasília (UnB). Deve-se registrar e lamentar o ocorrido com a UDF, mas também é preciso tomar cuidado para não se alimentar o mito da faculdade ou da universidade impecável de um tempo remoto, o que vale para a UDF e outras iniciativas, pois não houve essa instituição idealizada. A verdade é que as faculdades sempre apresentaram os seus problemas, sendo estes acentuados com o curso do tempo. É interessante como se idealiza uma nova escola, mantendo e repetindo aquele velho mito de uma escola perfeita. Em *Meus oitenta anos*, Modesto de Abreu alude a indicações de outra ordem para os cargos de professor da então nascente FFCL federal (ABREU, 1981, p. 63-64), envolvido como estava esse autor na sua primeira organização. O programa do curso de Letras Clássicas da FNF era o seguinte: 1ª série (Língua Latina; Língua Grega; Língua Portuguesa; Literatura Portuguesa; Literatura Brasileira); 2ª série (Língua Latina; Língua Grega; Língua Portuguesa; Literatura Grega; Literatura Latina); 3ª série (Língua Latina; Língua Grega; Língua Portuguesa; Literatura Grega; Literatura Latina; Filologia Românica) (FÁVERO, 1989, p. 83). Posteriormente, com legislação complementar, a duração dos cursos passou a ser de quatro anos, destinando-se o último para formação pedagógica, com o que se

estabelecia a distinção entre o bacharel e o licenciado (ANU. FAC. FIL. CI. LETRAS, n. 1, p. 15-16, 1939/1949). Em meados de 1941, os professores responsáveis pelas cadeiras de Língua e Literatura Latina e de Língua e Literatura Grega eram, respectivamente, Ernesto Faria e Padberg-Drenkpol (FÁVERO, 1989, p. 39-40).[26] Ernesto Faria se tornou Catedrático de Língua e Literatura Latina em 1945 com a tese *Pérsio: estudo literário e lexicográfico* (FARIA JUNIOR, 1945), e Reinhold José Augusto Berge, o Frei Damião Berge, chegou a Catedrático de Língua e Literatura Grega em 1948 com uma tese sobre Heráclito, trabalho depois publicado, *O logos heraclítico: introdução ao estudo dos Fragmentos* (BERGE, 1969).[27] A FNF também dispôs de uma missão estrangeira, a segunda no Rio de Janeiro, não vindo especialista para Letras Clássicas, mas sim para História da Antiguidade e da Idade Média, o bizantinista Antoine Bon (FÁVERO, 1989, p. 35). Conhecida mais tarde como FNFi, a FFLC da então capital federal e a FFCL da USP foram as principais escolas no gênero nas primeiras décadas após os anos 30 e 40.

Em 1939, foram também instalados outros dois cursos de Letras Clássicas, depois acomodados ao Decreto nº 1.190 de 1939. Em 27 de maio desse ano,[28] inaugurou-se, com curso de Letras Clássicas e Português, a Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras do Instituto Santa Úrsula, faculdade que deu origem à Universidade Santa Úrsula. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Instituto Superior de Educação Anexo fundaram-se em 1938 em Curitiba, escolas de subvenção marista, que, com outras, integraram a recriação da Universidade do Paraná, hoje Universidade Federal do Paraná. Até onde foi a pesquisa, sabe-se que o seu curso de Letras Clássicas e Português foi aberto em 1939, tendo sido autorizado em 27 de fevereiro do mesmo ano. Como a FFCL do Paraná havia sido instalada no ano anterior, acredita-se que esse curso de Letras Clássicas tenha funcionado no primeiro período escolar, pelo que se viu também de outras autorizações feitas em tal época do ano. Levando-se em conta as datas seguras, o curso de Letras da FNF foi o sexto nacional, embora subtraído de outra instituição precedente. Em 12 de novembro de 1940, o Conselho Nacional de Educação reconheceu os cursos da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, entre eles, o de Letras Clássicas, pautados pelo Decreto nº 1.190 de 1939 (O RECONHECIMENTO, 1940, p. vi). Nessa ocasião, os professores de Língua e Literatura Latina e de Língua e Literatura Grega eram, pela ordem, Polycarpo Amstalden e José Rodrigues dos Santos (CORPO, 1940, p. iv),[29] posteriormente, João

---

[26] Os professores das cadeiras de Língua Portuguesa, de Literatura Portuguesa, de Literatura Brasileira e de Filologia Românica eram, pela ordem, Sousa da Silveira, Fidelino de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Augusto Magne (*id*., *ibid*.), mais tarde, Thiers Martins Moreira assumiu a cadeira de Literatura Portuguesa.

[27] Publicações:
FARIA, Ernesto. *O latim e a cultura contemporanea*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1941.
_____. *A renovação atual dos estudos latinos*. Rio: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

[28] Na primeira versão deste texto, dava-se a data 20 de março, como se comemora, mas o funcionamento efetivo ocorreu uns dois meses depois.

[29] José Rodrigues dos Santos também era docente de Língua Portuguesa, sendo Américo Brasiliense o de Literatura Portuguesa e de Filologia Românica.

Ecsodi se encarregou da cadeira de latim. Uma vez padronizados os cursos de Letras em tal formato, eles se mantiveram assim até 19 de outubro de 1962, quando o Parecer nº 283 do Conselho Federal de Educação deu nova organização aos cursos de Letras, entre outras medidas, instaurando o Currículo Mínimo de Letras com Língua Latina como disciplina obrigatória, o que vigorou até a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996, que, entre mais, extinguiu os currículos mínimos obrigatórios e deu vez às diretrizes curriculares para os cursos superiores.

A Universidade de São Paulo se conformou à nova organização federal, sendo reestruturada, mais tarde, com o Decreto-Lei nº 12.511, estadual, de 21 de janeiro de 1942. Na Seção de Letras, só em 1940 se tornaram ativas as cadeiras de Língua e Literatura Espanhola, de Língua e Literatura Inglesa e de Língua e Literatura Alemã (ANU. FAC. FIL. CI. LETRAS, n. 1, p. 11, 1939/1949). O programa do Curso de Letras Clássicas estava assim apresentado: 1º ano (Língua Latina; Língua Grega; Filologia e Língua Portuguesa; Literatura Portuguesa; Literatura Brasileira; História da Antiguidade Greco-Romana); 2º ano (Língua Latina; Língua Grega; Filologia e Língua Portuguesa; Literatura Grega; Literatura Latina); 3º ano (Língua Latina; Língua Grega; Filologia e Língua Portuguesa; Literatura Grega; Literatura Latina; Filologia Românica) (*id*., *ibid*., p. 19-20). Não podendo ser de outra maneira, o programa repetia o original, excluída a denominação de "Filologia e Língua Portuguesa", porém se destacava a disciplina de História da Antiguidade Greco-Romana, que acabou se consagrando nos currículos de Letras Clássicas. A partir de 1939, as cadeiras de Língua e Literatura Latina e de Língua e Literatura Grega tinham ficado a cargo de, pela ordem, Urbano Canuto Soares, da Universidade do Porto, e de Vittorio de Falco, da Universidade de Nápoles (PETERLINI, 1994, p. 404; STARZYNSKI, 1994, p. 396). Em 1942, com a partida de Falco, assumiu a cadeira de grego Aluizio de Faria Coimbra, formado pela FFCL da USP e admitido no ano anterior (*id*., *ibid*.).[30, 31] O regimento para o curso de Doutorado na FFCL da USP foi aprovado em 9 de dezembro de 1941 pelo Conselho Universitário (ANU. FAC. FIL. CI. LETRAS, n. 1, p. 399, 1939/1949). Theodoro Henrique Maurer Junior, então assistente de latim, doutorou-se em 1944 com uma tese depois publicada, *A morfologia e a sintaxe do genitivo latino* (MAURER JUNIOR, 1948). Pensado para formação pedagógica, o quarto ano da graduação também serviu para especialização e permitiu o curso de mais um ano de latim ou de grego (ANU. FAC. FIL. CI. LETRAS, p. 257, 1951). Integrando a missão estrangeira, no que tange aos estudos clássicos, deve ser lembrado o nome de Jean

[30] As cadeiras de Filologia e Língua Portuguesa, de Literatura Portuguesa, de Literatura Brasileira e de Filologia Românica foram ocupadas por, respectivamente, Francisco da Silveira Bueno, Fidelino de Figueiredo, Souza Lima e Theodoro Henrique Maurer Junior.

[31] Publicações:
OS ELEGÍACOS gregos de Calino a Crates: Calino – Arquíloco – Tirteu – Ásio – Semônides – Mimnermo. Com texto crítico, tradução em versos portugueses e notas: Vittorio de Falco, Aluizio de Faria Coimbra. São Paulo: Brusco, 1941. v. 1.
COIMBRA, Aluizio de Faria. *Cinco étimos gregos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1948. (Boletim, 78, Língua e Literatura Grega, 1.) Um entre outros títulos do autor e o primeiro de vários boletins da cadeira de Língua e Literatura Grega da FFCL da USP.

Gagé, especialista em História da Civilização Romana, que veio da Universidade de Estrasburgo, atuando em cadeiras de História de 1938 a 1946 (CAMPOS, 1975, p. 723, 724, 726, 730). As cadeiras da FFCL da USP se beneficiaram com as suas publicações, algumas com um número expressivo de títulos, como a cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani com os seus 32 boletins.

Como se escreveu pouco com relação aos cursos do Instituto "Sedes Sapientiae", apresentam-se agora mais elementos sobre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", denominação que manteve até ser, em definitivo, incorporada à PUC-SP. No início dos anos 40, os professores responsáveis pelas cadeiras de Língua Latina e de Literatura Latina eram, sem exclusividade, José Rodrigues dos Santos e Adelino José da Silva d'Azevedo, ficando a de Língua e Literatura Grega a cargo de Aluizio de Faria Coimbra e da sua assistente Maria José de Moraes.[32] Visto que os programas se repetem nos primeiros anos após o Decreto nº 1.190 de 1939, expõe-se o programa, sem a 4ª série, do Curso de Letras Clássicas da FFCL "Sedes Sapientiae" por ocasião do Parecer nº 283, de 19 de outubro de 1962: 1ª série (Língua Latina; Literatura Latina; Língua Grega; História da Antiguidade Grego-Romana; Língua e Filologia Portuguesa; Literatura Portuguesa); 2ª série (Língua Latina; Literatura Latina; Língua Grega; Literatura Grega; Glotologia Clássica; Língua e Filologia Portuguesa; Literatura Portuguesa; Literatura Brasileira); 3ª série (Língua Latina; Literatura Latina; Língua Grega; Literatura Grega; Glotologia Clássica; Filologia Românica, Língua e Filologia Portuguesa; Literatura Brasileira) (ANU. FAC. FIL. CI. LETRAS SEDES SAPIENTIAE, v. 19, p. 210-215, 1961/1962). Tal programa se referia ao ano letivo de 1962, um depois da antiga LDB, de 20 dezembro de 1961, que pôs fim à obrigação do ensino do latim na escola secundária.

Tratados os primeiros cursos de Letras Clássicas com as suas faculdades, ainda que sem a profundidade desejada e merecida, não se tendo à mão também mais informações a respeito dos cursos do Instituto Santa Úrsula e da FFCL do Paraná, convém enumerar outros cursos, instalados ao longo dos anos 40, dos quais se têm os nomes dos seus docentes fundadores: 1941 – Augusto Magne (Língua e Literatura Grega, GLG), de origem francesa, e Damião Berge (Língua e Literatura Latina, LLL),[33] Faculdade Católica de Filosofia (integrante da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio); 1941 – José Lourenço de Oliveira (Língua Latina, L), Arduíno Bolivar (Literatura Latina, LL) e Cláudio Brandão (GLG), Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (incorporada à Universidade de Minas Gerais, UFMG); 1942 – Antonio Jacintho Guedes (L), Júlio de Carvalho Barata (LL) e Fernando de Carvalho Barata (GLG), Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette (integrante da segunda UDF, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro); 1943 – Elpidio Ferreira Paes (LLL) e Jorge Paleikat (GLG), de origem alemã, Faculdade de Educação, Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre (UFRGS); 1943 – José Tavares de Macêdo (LLL) e Christiano Alberto Müller (GLG), Faculdade de Filosofia da Bahia (integrante da

[32] A cadeira de Filologia Românica estava com Maria Celeste Ferreira e, com Souza Lima, as de Língua Portuguesa, de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira.

[33] Na versão anterior, por engano, veio o nome de Sílvio Elia, nessa época, assistente de Literatura Brasileira, cujo Catedrático era Alceu Amoroso Lima.

Universidade da Bahia, hoje Universidade Federal da Bahia); 1947 – Ismael de Lima Coutinho (LLL) e Baltazar Xavier de Andrade e Silva (GLG), Faculdade Fluminense de Filosofia (integrante da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal Fluminense); 1949 – José Almir Marques (LLL) e Genésio Borges (GLG), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA) (integrante da Universidade de Uberaba). Nessa mesma década, também se criaram e instalaram os cursos de Letras Clássicas das seguintes faculdades: 1940 – Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras (integrante da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS); 1941 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas (integrante da Universidade Católica de Campinas, hoje "Pontifícia"); 1941 – Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE) (agregada à Universidade do Recife); 1943 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega (integrante da Universidade Católica de Pernambuco); 1943 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria (integrante da Universidade Católica de Minas Gerais, atual "Pontifícia");[34] 1947 – Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (integrante da Universidade Estadual do Ceará); 1948 – Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE) (incorporada à Universidade Federal de Juiz de Fora). Embora este trabalho seja limitado quanto à produção dos professores de grego, no que diz respeito ao latim, destacam-se nessa época: Giulio Davide Leoni, formado pela Universidade de Bolonha, autor de uma série de títulos, professor de latim na FFCL "Sedes Sapientiae" e na Universidade Mackenzie (UPM);[35] Alfredo Xavier Pedroza, professor de latim da Faculdade de Filosofia do Recife, autor do *Compêndio de história da literatura latina* (1947); Heinrich Adam Wilhelm Bunse, professor da cadeira de Filologia Românica da Universidade do Rio Grande do Sul, antes "de Porto Alegre", com perfil semelhante ao de Maurer Junior, helenista, latinista e romanista, germanista Bunse também, autor ligado também à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), onde defendeu uma das primeiras teses doutorais de latim, *O carmen LXVI de Catulo* (1950).

Buscou-se aqui tratar do estabelecimento, no Brasil, dos cursos de Letras Clássicas, bem como da sua consolidação institucional, detendo-se o enfoque no período que vai do início dos anos 30 ao da década dos 40. Como se deram os nomes de docentes de alguns cursos dos anos 40, achou-se oportuno também fornecer os de professores que tiveram uma formação clássica até essa época, mesmo não tendo feito um curso específico, adquirindo-a, no máximo, até os primeiros anos da década seguinte. Os professores nomeados na sequência ingressaram em vários cursos de Letras no período que vai até o princípio dos anos 60, quando o ensino das Letras Clássicas viveu um novo momento no seu percurso: Bento Prado de Almeida Ferraz (LLL), FFCL de São Bento; Maria Luiza Roque, FFCL "Sedes Sapientiae" (GLG) e UnB (LLL e GLG, fundadora, com Eudoro de Sousa e Jair Gramacho); Armando

[34] De 1943 era o curso de Neolatinas, sendo de 1944 o de Letras Clássicas, que teve por fundadores Euclides Ferreira da Cunha (LLL) e José Altimiras (GLG).

[35] Seguem-se alguns dos seus vários títulos:
LEONI, G.D. *Minima*: notulas de literatura latina. S. Paulo: Sonora, 1944.
_____. *Vergilio e Horacio no ambiente historico e literario de seu tempo*. S. Paulo: Sonora, 1944.
_____. *A literatura de Roma*. S. Paulo: Sonora, 1949.

Tonioli (LLL), Aída Costa (LLL), Gilda Maria Reale Starzynski (GLG) e José Cavalcante de Souza (GLG), FFCL da USP; Maria Amélia de Pontes Vieira (LLL) e Guida Nedda Barata Parreiras Horta (GLG), FNF da Universidade do Brasil; Osvaldo Arns (GLG), Universidade do Paraná; Elpidio Ferreira Paes (LLL, fundador) e João Batista Camilotto (GLG), PUC-RS; Junito de Souza Brandão (GLG), PUC-Rio; Rubens Costa Romanelli (L) e Aída Costa (LL), Universidade de Minas Gerais; Rosalvo do Valle (LLL), Faculdade Fluminense de Filosofia; Geraldo Calábria Lapenda (GLG, fundador), Universidade do Recife (hoje Universidade Federal de Pernambuco); Mílton Valente, professor de latim ligado à FFCL Cristo Rei (integrante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos); Antônio Waterkemper (LLL, fundador, com Eudoro de Sousa), Faculdade Catarinense de Filosofia (integrante da Universidade Federal de Santa Catarina); Dante Tringali (LLL, fundador), FFCL de Araraquara (integrante da Universidade Estadual Paulista, Unesp); Jair Gramacho (LLL e GLG, fundador, com Eudoro de Sousa e Maria Luiza Roque), UnB.[36] Docentes de origem estrangeira também contribuíram para o fortalecimento das Letras Clássicas nas FFCLs à volta dos anos 50, uns, munidos de sólida formação clássica, e outros, também versados num trabalho acadêmico em Letras Clássicas, tendo-se os nomes dos seguintes professores: José van den Besselaar (LLL), da Universidade de Nimegue, FFCL de São Bento, FFCL "Sedes Sapientiae" e FFCL de Assis (integrante da Unesp) (fundador, com José Antônio Benton); Robert Aubreton (GLG), da Universidade de Bordeaux, FFCL da USP; Maria da Eucaristia Daniellou (GLG, fundadora), professora francesa, FFCL do Instituto Santa Úrsula; Bernardo Henrique Harmsen (LLL, fundador), professor holandês, Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão (integrante da Universidade Federal do Maranhão); Eudoro de Sousa, professor português, Faculdade Catarinense de Filosofia (GLG, fundador, com Antônio Waterkemper) e UnB (LLL e GLG, fundador, com Maria Luiza Roque e Jair Gramacho); Antônio Pinto de Carvalho (LLL, fundador), da Universidade de Lisboa, FFCL de São José do Rio Preto (integrante da Unesp); José Antônio Benton (GLG, fundador, com José van den Besselaar), professor alemão, FFCL de Assis; Luiz Zver (LLL, fundador), professor esloveno, e Wolfgang Gruen (GLG, fundador), professor alemão, Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (FADOM) (integrante da Universidade Federal de São João del-Rei); Enio Aloisio Fonda (LLL), professor italiano de origem eslovena, FFCL de Assis.

Nos anos 40, começaram a circular as primeiras revistas das FFCLs, cujo reexame, sobretudo da seção informativa, seria importante para o aprofundamento deste panorama. Algumas dessas revistas chegaram a ser bem volumosas com o passar do tempo. Em São Paulo, citam-se o *Anuário* [da] *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae"*, a *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, a *Revista das Faculdades Campineiras*, da Universidade Católica de Campinas, e a *Revista de História*, da USP, que era, na prática, a revista da FFCL para Humanidades, isto se dando em razão de política interna. Outras grandes publicações foram *Verbum*, da PUC-Rio, *Kriterion*, da Universidade de Minas Gerais, *Letras*, da Universidade do

[36] Na verdade, Jair Gramacho chegou à Brasília pouco depois da vinda dos outros dois professores e, mestrando que era, na qualidade de instrutor, mas se tornando assistente em curto período. Eudoro de Sousa e Maria Luiza Roque respondiam, inicialmente, pelas disciplinas de Letras Clássicas no curso de Letras Brasileiras (Letras-Português), um dos primeiros ofertados na UnB, só mais tarde se dando a criação das outras habilitações de Letras, bem como dos cursos de Ciências Humanas.

Paraná, e *Veritas*, da PUC-RS. Com estas páginas, espero ter contribuído para o conhecimento dos cursos de Letras Clássicas, e de Letras em geral, no Brasil, nas suas primeiras décadas. O trabalho pode e deve ser aprimorado com o registro de mais programas de cursos, nomes de fundadores, notícias sobre teses de cátedra, publicações, etc., fazendo-se também possíveis correções, apesar da cautela pretendida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Modesto de. *Meus oitenta anos*. Rio de Janeiro: ACLERJ, 1981.

ANNUARIO DA FACULDADE LIVRE DE PHILOSOPHIA E LETTRAS DE S. PAULO. São Paulo, v. 3, 1911.

ANNUARIO DA FACULDADE LIVRE DE PHILOSOPHIA E LETRAS DE S. PAULO. S. Paulo, v. 6, 1914.

ANNUARIO DA FACULDADE LIVRE DE PHILOSOPHIA E LETTRAS. S. Paulo, v. 8, 1916.

ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. São Paulo: Revista dos Tribunaes, Universidade de São Paulo, 1934/1935-1951.

ANUÁRIO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS "SEDES SAPIENTIAE". São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, v. 19, 1961/1962.

ANTUNHA, Heladio Cesar Gonçalves. *Universidade de São Paulo*: fundação e reforma. São Paulo: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sudeste, 1974.

ARCHIVOS DA UNIVERSIDADE DE MANÁOS. Manáos, v. 4, n. 1, jan./mar. 1914.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Inventário do fundo Universidade de São Paulo 1911-1928*. São Paulo, 1990.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Melhoramentos, Universidade de São Paulo, 1971.

BERGE, Damião. *O logos heraclítico*: introdução ao estudo dos Fragmentos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

BRASIL. *Constituição politica do Imperio do Brasil (de 25 de março de 1824)*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C%A7ao24.htm>. Acesso em: 14 jun. 2009.

BRÉHIER, Émile et al. *Lições inaugurais da missão universitária francesa durante o ano de 1936*. Rio de Janeiro: Universidade do Distrito Federal, 1937.

BUNSE, Heinrich A.W. *O Carmen LXVI de Catulo*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1950.

CAMPOS, Ernesto de Souza. *Educação superior no Brasil*. [Rio de Janeiro]: Ministério da Educação, 1940.

CAMPOS, Pedro Moacyr. "O professor francês": Jean Gagé. *Revista de História*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 52, n. 103, t. 2, p. 723-731, jul./set. 1975.

CORPO docente. *Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento*, São Paulo, v. 1, p. iv, nov. 1940.

CRÓNICA do ano lectivo de 1928 [1927]. *Revista da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo*, S. Paulo, v. 15, p. 106, 1928.

CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade temporã*: da colônia à Era de Vargas. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

EXPOSIÇÃO de motivos e decreto de reorganização da UDF (Decreto nº 6.215 de 21/05/1938). In: FÁVERO, Maria de Lourdes de A.; LOPES, Sonia de Castro (Org.). *A Universidade do Distrito Federal*: um projeto além do seu tempo. Brasília: Liber Livro, CNPq, 2009. p. 215-254.

FACULDADE de Philosophia e Letras. *Almanak Laemmert*: Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil: Districto Federal, Rio de Janeiro, ano[s] [75]/76, n. 1, p. 869, 1919/1920. [Redação em 1919 para 1920.]

_____. *Almanak Laemmert*: Annuario Commercial, Industrial, Agricola, Profissional e Administrativo da Republica dos Estados Unidos do Brasil: Districto Federal, Rio de Janeiro, ano 77, n. 1, p. 729, 1921.

FACULDADE de Philosophia e Lettras. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 151, n. 367, p. 284-287, abr./jun. 1990.

FACULDADE Paulista de Letras e Philosophia. *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, p. 6, 2 jun. 1931.

FARIA JUNIOR, Ernesto de. *Pérsio*: estudo literário e lexicográfico. 1945. Tese (Cátedra) – Universidade do Brasil, Rio de Janeiro.

FARIA, Ernesto. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. (Coord.). *Projeto ou trama universitária?* Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. (Série Faculdade Nacional de Filosofia, 1.)

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. A UDF: uma concepção alternativa de Universidade. In: _____; LOPES, Sonia de Castro (Org.). *A Universidade do Distrito Federal*: um projeto além do seu tempo. Brasília: Liber Livro, CNPq, 2009. p. 13-44.

AS INSTITUIÇÕES culturais nascidas na U.D.F. *U.D.F.*: Orgão Oficial dos Alunos da Universidade do Distr. Federal, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 82-83, dez. 1937.

INSTITUTO Superior de Pedagogia, Ciencias e Letras, "Sedes Sapientiae" de São Paulo. *Revista Brasileira de Pedagogia*: Orgão Oficial da Confederação Catolica Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 4, n. 20, p. 295-298, nov. 1935.

LISTAS de alunos que fizeram exames na Faculdade de Filosofia e Letras oriunda da Academia de Altos Estudos. Rio de Janeiro, 1919-1921. 14 docs.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *A morfologia e a sintaxe do genitivo latino*: estudo histórico. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1948. (Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 55, Filologia Românica, 1.)

MENDONÇA, Antônio Furtado de. Reitor e administrador do patrimônio do Seminário Central e Provincial de São Paulo (1904-1914) e Reitor da Pontifícia Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo (1908-1914). In: SILVA, Lauro Monteiro de Carvalho e; SILVA, Maximiano de Carvalho e (Org.). *Monsenhor Maximiano da Silva Leite*: 1902 – 28 de outubro – 1952: poliantéia comemorativa do 50º aniversário de sua ordenação sacerdotal. Mogi-Mirim: Cardona, 1952. p. 6-31.

MOTT, Maria Lucia; DUARTE, Ivomar Gomes; GOMES, Marcela Trigueiro. Montando um quebra-cabeça: a coleção "Universidade de São Paulo" do Arquivo Público do Estado de São Paulo. *Cadernos de História da Ciência*, São Paulo, Instituto Butantan, v. 3, n. 2, p. 37-72, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Nunes Flor de. Os estudos clássicos em Portugal. *Romanitas*: Revista de Cultura Romana: Língua, Instituições e Direito, Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, p. 423-456, 1962; ano 7, n. 6/7, p. 343-400, 1965.

PAIM, Antonio. *Bibliografia filosófica brasileira*. Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1983. v. 1.

PASSOS, Astrolabio. Relatorio geral da Universidade de Manáos apresentado á Congregação da mesma Universidade. *Archivos da Universidade de Manáos*, Manáos, v. 4, n. 3, p. 69-134, jul./dez. 1914.

PEDROZA, Alfredo Xavier. *Compêndio de história da literatura latina*. Recife: Imprensa Oficial, 1947.

PETERLINI, A.A. Língua e literatura latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 8, n. 22, p. 403-408, set./dez. 1994.

PINTO, Diana Couto. A Escola de Filosofia e Letras: um projeto em vir a ser. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de A.; LOPES, Sonia de Castro (Org.). *A Universidade do Distrito Federal*: um projeto além do seu tempo. Brasília: Liber Livro, CNPq, 2009. p. 69-97.

PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL. *Universidade do Districto Federal*. Rio de Janeiro, 1935.

O RECONHECIMENTO dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Letras Clássicas e Pedagogia. *Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento*, São Paulo, v. 1, p. v-vi, nov. 1940.

REGIMENTO Interno da Universidade de São Paulo. S. Paulo: Typographia do Globo, 1912.

REGULAMENTO da Faculdade de Philosophia e Letras: Antiga Academia de Altos Estudos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

REGULAMENTO interno da Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento. *Revista da Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento*, S. Paulo, v. 4, p. 99-102, mar. 1931.

RELATORIO sobre o movimento da Faculdade de Philosophia e Letras, durante o anno lectivo de 1925. *Annuario Faculdade de Philosophia e Letras de São Paulo*, São Paulo, v. 13, p. 17-20, 1925.

REVISTA DA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO: Serie II. Rio de Janeiro, v. 1-4/5, jun. 1932-jun. 1934.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. O Colégio Pedro II e a institucionalização da geografia escolar no Brasil Império. *Giramundo*: Revista de Geografia do Colégio Pedro II. [Rio de Janeiro], v. 1, n. 1, p. 15-34, jan./jun. 1914. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33025/grgcp2.v1i1>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SEMINARIO Provincial e Faculdade Ecclesiastica. *Boletim Ecclesiastico*: Orgam Official da Archidiocese de S. Paulo, v. 4, n. 7/8, p. 139-140, jan./fev. 1909.

STARZYNSKI, Gilda Maria Reale. Língua e literatura grega: origens. *Estudos Avançados*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 8, n. 22, p. 395-400, set./dez. 1994.

TUFFANI, Eduardo. Os estudos latinos no Brasil. *Classica*: Revista Brasileira de Estudos Clássicos, São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, v. 13/14, n. 13/14, p. 393-402, 2000/2001.

_____. A polêmica Castro Lopes-Totvárad e o ensino do latim no Brasil por volta de 1850. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS, 16., 2007, Araraquara. *Ócio & trabalho no mundo antigo*: catálogo geral. Araraquara: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 2007. p. 55-56.

_____. A Faculdade Paulista de Letras e Filosofia (1º de junho de 1931). *Soletras*: Revista do Departamento de Letras, São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 22-29, jan./jun. 2011.

_____. "Os estudos latinos no Brasil" e filosofia e teologia em São Paulo em meados do governo do Morgado de Mateus (1771). *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, ano 21, n. 63, supl., p. 1672-1682, set./dez. 2015. Disponível em: <www.e-tuffani.com.br> e <www.filologia.org.br>.

_____. *Cursos superiores de Letras Clássicas criados no Brasil (com ano de instalação e atual instituição)*. Texto em *site* de 2021. Disponível em: <www.e-tuffani.com.br>.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Fundação da Universidade de S. Paulo*: inauguração official: inicio dos cursos superiores. S. Paulo: Duprat, 1917.

UNIVERSIDADE de São Paulo. *Almanak Laemmert*: Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil: Estado de São Paulo, Rio de Janeiro, ano[s] [75]/76, n. 3, p. 4419, 1919/1920. [Redação em 1919 para 1920.]

VÁRIAS notícias. *Revista e Anuário da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo*, S. Paulo, v. 14, p. 67-69, 1926/1927.

ABSTRACT

This article aims to provide a more detailed picture of the period in which, in Brazil, the undergraduate programs in Languages, especially those in Classical Languages, were created and consolidated, and became an important unit of the faculties of Philosophy, Science and Letters, which emerged in the 1930s and 40s. It also seeks to address the development of the Brazilian university, as well as its faculties more associated with the Humanities, by revisiting its European origins, and focusing on those closest to the Brazilian culture.

Keywords: Latin; Greek; Portuguese; Brazil; Higher education; History of Education.